



NEM NEUROSE, NEM ILUSÃO: A LINGUAGEM DO AMOR E A SUA OPOSIÇÃO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO¹

THE LANGUAGE OF LOVE AND ITS OPPOSITION TO SCIENTIFIC KNOWLEDGE

RESUMO

O artigo em questão resulta de uma leitura de Rubem Alves (1999) e Bruno Latour (2004) acerca do discurso religioso. A partir de tais leituras, buscamos analisar como se compreendeu o discurso religioso, nas visões de Marx, enquanto ilusão, e de Freud, enquanto neurose. A religião, conforme Alves, no contexto de transformações da sociedade moderna, foi sentenciada à morte. Tal sentença baseou-se numa determinada atitude científica supostamente formulada sob uma filosofia herdeira do Iluminismo, a qual pretendia eliminar da sociedade qualquer vestígio de obscurantismo, que seria representado pela consciência falaciosa e ilusória da religião. O pensamento científico, objetivo, haveria de suplantar o discurso religioso definido pelo Marxismo e pela Psicanálise como falsa consciência, como patologia, como enfermidade. Discutimos aqui a necessidade de repensar tais postulados a partir da constatação de que vivemos um retorno ao misticismo, à busca por experiências mágicas, o que tem revelado que a religião, como já disse o clássico Émile Durkheim, é algo de permanente nas sociedades.

Palavras-chave: Religião; Atitude científica; Alienação.

Começamos este texto tomando emprestadas as palavras de Latour (2004) por ocasião de uma conferência ministrada na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, no ano de 2001:

Não tenho nenhuma autoridade para falar a vocês sobre religião e experiência, já que não sou pregador, nem teólogo, nem filósofo da religião — nem mesmo uma pessoa particularmente piedosa. Felizmente, religião pode não ter a ver com autoridade e força, mas com experimentação, hesitação e fraqueza. Se é assim, então devo

¹ O texto que segue resulta de algumas reflexões empreendidas durante o curso *Religião e Religiosidade*, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conduzido pelo Professor Orivaldo Lopes Júnior, em 2007.

começar colocando-me numa posição da mais extrema fraqueza. (2004, p.02).

Prosseguimos emendando que nossas limitações, no que diz respeito a um entendimento aprofundado no assunto, não são capazes de travar totalmente a capacidade de se manifestar interesse pelo tema religião. Assim, expomos, neste texto, mesmo que de forma incipiente, alguns entendimentos acerca do que Alves (1999) convencionou chamar “linguagem do amor” ao discurso religioso e Latour (2004) de “fala amorosa”. Tais entendimentos correm em paralelo com a apresentação de como se compreendeu o discurso religioso, enquanto ilusão e neurose.

Mas, antes disso, convém frisar que, como uma “linguagem do amor”, com sua sustentação nos desejos e anseios humanos, na esperança, nas utopias e nos ideais, esta linguagem tem se mostrado um discurso resistente. Talvez porque, como diria Durkheim, este discurso é algo de permanente nas sociedades. Contudo, a modernidade, aqui compreendida no seu sentido mais temporal que conceitual, por muitas vezes, pelo Marxismo e pela Psicanálise, para citar apenas estes dois campos de conhecimento, analisados por Alves, sentenciou a religião à morte. Mas a morte não ocorreu. E como o referido autor aponta na sua obra *O suspiro dos Oprimidos* (1999), o contrário se sucedeu: nos últimos anos, enxergamos um retorno ao misticismo, à busca por experiências mágicas, à busca por essa linguagem do amor.

O morto enterrado vivo

O anúncio da morte da religião, conforme Alves, assentava-se numa determinada atitude científica supostamente formulada sob uma filosofia herdeira do Iluminismo, a qual pretendia eliminar da sociedade qualquer vestígio de obscurantismo, que seria representado pela consciência falaciosa e ilusória da religião. Por trás desta atitude “científica” há uma postura epistemológica, no que diz respeito ao conhecimento científico, orientada pelos postulados abaixo:

1. O ideal de objetividade: o pensamento deveria ser um reflexo dos dados sensíveis;
2. O ideal de objetividade corresponderia a um padrão de normalidade psicossocial em termos de ajustamento;

3. Os processos histórico-sociais seriam independentes do homem. Tais processos determinariam a consciência. A estrutura material definiria a consciência;
4. Imaginação não faz história.

Com base nos princípios acima, a religião foi sempre, *a priori*, definida pelo Marxismo e pela Psicanálise, como falsa consciência, como patologia, como enfermidade. O pensamento científico, objetivo, haveria de suplantar a imaginação. Mas, como dito acima, a morte não ocorreu, o advento da “nova terra” não ocorreu, ou poderíamos dizer, ainda, as promessas da modernidade fracassaram. Ressurgiu, então, a esperança em um novo céu. As esperanças depositadas por Marx na superação da alienação, através da resolução dos problemas sociais gerados por uma estrutura socioeconômica opressora, fracassaram. Marx depositou a fé num futuro promissor. Noutra extremidade, a Bíblia, uma portadora do discurso religioso, ao contrário, não previa (e não prevê) nenhuma possibilidade de ocorrer um evento que possa redimir o homem aqui na terra, no plano histórico. Esta foi a esperança marxista. Marx acreditava que quando fossem resolvidos os problemas materiais que provocavam a alienação econômica e, conseqüentemente, a alienação da consciência seria um problema resolvido.

O discurso religioso segue, então, destinado, ao que parece, muito mais a transformar-se que a desaparecer. De dentro deste discurso resistente, emerge a idéia de que os valores utópicos não são absurdos, mas sim a “situação humana de onde eles emergem” (ALVES, 1999, p.100).

O discurso religioso da alienação religiosa

Considerando aqui o conceito de alienação, para analisarmos de que forma a religião aparece na oratória da modernidade, temos ainda a conotação historicamente negativa atribuída à religião. Ela sempre é compreendida como falsa consciência, neurose e ideologia (postura do marxismo e da psicanálise). Seria, então, tarefa da ciência, eliminar essa consciência religiosa. A consciência científica seria superior, e teria a capacidade de superar essa fase de infantilismo psíquico representada pela religião. Alves, tentando resolver essa oposição entre ciência e religião, afirma que o discurso científico é contemplativo – na medida em que requer

dados observáveis. O conhecimento científico visa a ver e afirmar as leis ocultas do que existe. A consequência disto foi que: “a expansão das ciências provocou a limitação dos discursos expressivos. Esta é a razão porque (...) a religião estava condenada à extinção” (1999, p.157).

Contrariamente, o discurso religioso seria ação, que requer desejo, utopia, ideal, esperança: “o discurso utópico expressa sofrimentos, desejos, aspirações e saudades. A ação visa a criar diferentes estruturas que ainda não existem” (p.157). Contudo, além da conotação negativa, a consciência religiosa foi ainda acusada de ser conservadora, enquanto a consciência científica seria crítica. A alienação religiosa, neste caso, seria um obstáculo à superação da alienação real. A religião é, assim, relegada ao campo dos epifenômenos.

Para Marx, a religião seria uma forma de ilusão que serviria como justificativa ideológica e como amparo a um sistema de relações socioeconômico repressor e desigual. A religião seria uma consciência invertida do mundo, o que a tornaria falsa e ilusória. Imerso nela, o homem se encontra aprisionado, preso a correntes (sociais) que o tornaria escravo. O discurso religioso cumpriria a função de encobrir as correntes com flores, fazendo com que o homem esqueça as dores, não enxergue as correntes e faça da doença sua própria cura. A religião, ópio do povo, nesse sentido, reconciliaria o homem com o mundo que o torna oprimido. A crítica deveria arrancar tais flores. E nem mesmo a crítica, por si só, transformaria magicamente o mundo: “A questão não é reinterpretar o mundo, mas transformá-lo” (MARX, 1964, *apud* ALVES, 1999, P.57).

De dentro da Psicanálise, uma conclusão semelhante, e igualmente negativa: religião é ilusão, a mais pretensiosa delas (semelhança com o marxismo, embora a compreensão se organize por outras vias): “Ela é uma criação fantástica de uma estrutura psicológica desarranjada” (1999, p.77). Para Freud, assim como para Marx, a religião estava condenada à extinção, dada a progressiva substituição pelo pensamento objetivo, científico.

Aqui a idéia de imaginação, que é uma faculdade inerente ao homem, posto que os seres humanos têm a faculdade de imaginar, de produzir imagens, adquire conotação negativa. Os homens são seres imaginativos e as imagens produzidas

por eles estabelecem uma relação com o real e derivam de atos coletivos. Conforme Castoriadis (2000, p.142), “tudo o que se nos apresenta no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico [...]. Os atos reais, individuais ou coletivos – trabalho, consumo, guerra, o amor, a natalidade” – resultam desta faculdade humana. Na medida em que a imaginação é transformada simplesmente numa fonte de ilusões e neurose, tudo que por ela se manifesta acaba sendo compreendido como patologia emocional. Até mesmo a magia e a arte – fontes de exteriorização dos desejos – passam a ser vistas como neuroses, expressões de enfermidades.

Ainda com relação ao conceito de alienação, que é tema central da Filosofia ocidental, Alves apresenta-nos ainda três sentidos distintos. O primeiro deles localiza-se no discurso político-social. Ele é considerado dentro deste discurso como “ato de abandono da vontade individual em favor de uma vontade coletiva instaurada por meio de um contrato” (p.31); a isto se denominaria alienação. Neste caso, a alienação representa uma “realidade objetiva”. Uma espécie de contrato social é imposta pelos mais fortes sobre os fracos, o que faz com que toda ordem social pressuponha certo grau de alienação. Esta é a análise marxista que indica a alienação na sociedade capitalista. Resta a possibilidade de essa alienação ser abolida através da inversão das forças.

O segundo sentido reside no discurso epistemológico: “Alienado é o indivíduo cujas idéias não constituem conhecimento efetivo do real, mas são antes expressões de estados emocionais individuais e coletivos” (1999, p.33). Aqui a Ciência salvadora entra em cena: sua tarefa é eliminar a alienação. A ideologia deve ceder lugar ao conhecimento científico. Por fim, temos os discursos psicológicos, existencialistas e teológicos. Neste caso, a alienação equivale ao caráter “ameaçador da realidade externa, tanto de indivíduos quanto de estruturas” (1999, p.33). Refere-se ao “esfacelamento e a fragmentação da experiência humana, dividida entre uma identidade reprimida e uma funcionalidade imposta.” (1999, p.33).

Tal conceito é sempre utilizado para qualificar os fenômenos de ordem religiosa. A religião pareceria como expressão de uma alienação, como o “suspiro dos oprimidos”. Para Alves, se este suspiro representa, em última instância, um

confronto com o real, há nesta alienação “o pressuposto da crítica e da transformação” (p.34).

Alves chama atenção para o conceito feuerbachiano de alienação (bastante diferente do que aparece em Marx), pois, “as alienações são expressivas. Surgem de condições reais de vida. São, portanto, fatos sociais como outros fatos sociais.” (p.48). De modo um tanto irônico e bastante ousado, o autor propõe:

Eu sugeriria que as alienações venham a existir quando os projetos de realização de desejo, por parte do sujeito, defrontam com os obstáculos e as proibições do real. Sob tais condições de repressão, a única forma de sobrevivência que lhes resta é a transformação do projeto de transformação e expressão num discurso simbólico em que os desejos assumem a forma de entidades. (1999, p.48).

Citando Malinowski, Alves afirma que a magia está diretamente relacionada com a cristalização simbólica do desejo e ainda com a manifestação da esperança. A linguagem religiosa, mágica, seria a linguagem do amor, expressa pelo homem comum. Por isto, é esta a linguagem que encontra eco nas aspirações do homem oprimido. Afinal, onde seria possível encontrar o projeto de uma ordem nova a ser construída, senão nas aspirações, mesmo que utópicas, do homem oprimido, no sentido de superação das condições objetivas da vida?

Oposições entre a ciência e a linguagem do amor (do desejo, da esperança e da utopia)

Alves utiliza a “linguagem do amor” como metáfora para se referir à idéia do desejo (pulsão por vida) e esperança contida na linguagem religiosa.

Ele se refere, várias vezes, a uma citação de Feuerbach:

A religião é o solene desvelar do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor. Como forem os pensamentos e as disposições do homem assim será o seu Deus; quanto valor tiver um homem, exatamente isto e não mais, será o valor de seu Deus. (1999, p.37)

A consciência de Deus seria a própria autoconsciência e o conhecimento de Deus que representaria conseqüentemente autoconhecimento. Deus seria a

manifestação da máxima subjetividade do homem, abstraída de si mesmo: “Este é o mistério da religião: o homem projeta o seu ser na objetividade e então se transforma a si mesmo num objeto em face desta imagem de si mesmo, assim convertida“ (ALVES, 1999, p.43).

Esta referência a Feuerbach parece ser de fundamental importância para algumas idéias expressas pelo autor, com relação a uma desnecessária definição do que seria Deus (posto que aprisionaria a idéia de Deus a um conceito). Em entrevista concedida a Leandro Cardoso e Venceslau Borlina, intitulada Metáforas da fé, Rubem Alves afirma, quando perguntado sobre quem é Deus: “Não sei”. Todas as coisas do universo na realidade seriam fragmentos dele. Produzir uma definição seria, então, aprisioná-lo numa gaiola de conceitos. Um Deus não poderia ser pensado. Ou ainda: “Tudo que o homem fala acerca de Deus, através da linguagem religiosa, nada mais é que uma confissão de suas aspirações e projetos. Deus é o meu ser em plena realização” (1999, p.46).

Tal posicionamento nos leva a refletir sobre uma assertiva de Latour (2004): levar a religião a sério não significa produzir-lhe uma explicação social. Denúncias e desmistificações não interessam e mesmo devem passar distantes da religião. Por isso, Latour se propõe a pôr-se em sintonia com os diversos tipos de discursos “geradores de verdades”, que seriam condições de felicidade.

O discurso religioso seria aquele capaz de produzir tais estados e também novos estados. Tal como uma fala de amor é capaz de aproximar o sujeito amado para si, também a linguagem religiosa seria capaz de produzir uma aproximação, e também um afastamento, o que se daria conforme a ressonância desta linguagem para aquele que a ouve. Com uma fala de amor, os amantes poderiam estar distantes; após a fala, poderiam mudar de lugar e podem chegar mais perto.

Latour usa este modelo de interpelação do amor para poder afirmar que a fala religiosa, tal como a fala amorosa, tenta garantir que até os mais alheios e distantes observadores podem novamente atentar-se. Seu modelo de análise serve-lhe para apontar a existência do que ele chamou de uma comédia de erros contida na tentativa de se opor religião à ciência. Este é o propósito de suas reflexões

apresentadas numa conferência por ele realizada, publicada, na íntegra, pela Revista de Antropologia Mana². Para Latour (2004),

a religião, nessa tradição, tudo faz para redirecionar constantemente a atenção, obstando sistematicamente à vontade de se afastar, de ignorar, de se ficar indiferente ou *blasé*, entediado. A ciência, inversamente, nada tem a ver com o visível, o direto, o imediato, o tangível, o mundo vivido do senso comum e dos "fatos" robustos e obstinados. Bem ao contrário, como diversas vezes mostrei, ela constrói caminhos extraordinariamente longos, complicados, mediados, indiretos e sofisticados, através de camadas concatenadas de instrumentos, cálculos e modelos, para ter acesso a mundos — como William James, insisto no plural — que são invisíveis por serem demasiadamente pequenos, distantes, poderosos, grandes, estranhos, surpreendentes, contra-intuitivos.

A religião, de tal forma, não tentaria nunca designar algo, mas falar a partir do novo estado que ela produz por sua maneira de dizer, seus modos de discurso. Referindo-se a uma tradicional fábula da corrida entre a lebre científica e a tartaruga religiosa, Latour aponta que duas coisas são inteiramente irreais: a lebre e a tartaruga. Isto porque a religião nem mesmo tenta correr para conhecer o além; a religião

procura, sim, quebrar todos os hábitos de pensamento que dirigem nossa atenção para o longínquo, o ausente, o sobremundo, a fim de conduzi-la de volta ao encarnado, à presença renovada daquilo que fora incompreendido e distorcido, mortal, daquilo do qual se diz ser 'o que foi, o que é, o que será', em direção àquelas palavras que trazem a salvação. A ciência nada apreende de modo direto e preciso; ela adquire lentamente sua precisão, sua validade, sua condição de verdade, no longo, arriscado e doloroso desvio que passa pelas mediações de experimentos — não de experiências —, de laboratórios — não o senso comum —, de teorias — não a visibilidade; e se ela é capaz de obter a verdade, é ao preço de transformações espantosas que se dão na passagem de um meio ao seguinte. (2004, p.09)

A oposição entre religião e ciência tradicionalmente definia a ciência como apreensão do visível, enquanto a religião seria o campo do mistério, do distante, do vago. Tal oposição produziu caricaturas: "a crença é uma caricatura da religião, exatamente como o conhecimento é uma caricatura da ciência" (204, p. 10).

² Mana v.10 n.2 Rio de Janeiro out. 2004.

Longe desse discurso que opôs ciência à religião, analisado por Latour (2004) e anteriormente por Alves (1999), nos apoiamos nas reflexões de Latour, que considera que ciência e religião são cadeias mediadoras de sentido que vão a direções distintas. O discurso religioso seria, enquanto linguagem do amor, não no sentido do Eros, mas da pulsão por vida, a ação. Esta seria constituída pelos desejos, anseios, sonhos, utopias. Seria o campo em que se manifestam projetos de esperança. Exatamente por isso, as reflexões de Alves (1999) nos levam a pensar que talvez estivessem contidos nesta linguagem potenciais projetos revolucionários.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção tempo de libertação).

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. 5 ed. (Tradução de Guy Reynaud). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LATOUR, Bruno. **"Não congelarás a imagem", ou: como não desentender o debate ciência-religião**. Mana v.10 n.2 Rio de Janeiro out. 2004.